

## N. S. DA GLÓRIA DO OUTEIRO

Há mais de 220 anos já, os navios que entravam na baía de Guanabara, avistavam no cimo de pequena elevação, uma capela muito alva, muito poética, replandecendo, de tão branca, aos raios do sol carioca. Era ela a primeira demonstração viva de fé religiosa que o Rio de Janeiro oferecia aos seus visitantes. Vista do mar, de grande distância, mais parecia uma custosa jóia encrustada no fundo sempre azul do céu brasileiro.

Era o templo de N. S. da Glória, a Virgem que do alto do outeiro abençoava a todos que buscavam a nossa terra animados de boas intenções.

Naquele monte houvera outrora, por cêrca de 1670, uma pequena ermida levantada por Antônio Caminha, porém nunca teve maior projeção, e passou quase despercebida. Pelo menos as histórias da época dela não se ocupam, a não ser para descrever lendas que se teriam ali originado.

A capela do nosso tempo, êsse magnífico templo que todos contemplamos com indisfarçável orgulho, por ser nosso, começou a existir, isto é, teve a sua construção terminada, em 1739, data em que também foi fundada a Irmandade de N. S. da Glória do Outeiro, por provisão do bispo D. Frei Antônio de Guadalupe.

O terreno do môrro foi doado em 20 de junho de 1699, pelo Dr. Cláudio Gurgel do Amaral, "para nêle se edificar uma ermida que fôsse permanente, onde N. S. da Glória pudesse ser louvada e festejada", conforme reza a escritura de doação.

A ereção da igreja consumiu largo tempo, pois, segundo consta, teve começo por cêrca de 1714. E desde que a ma-



jestosa obra foi acabada, o templo tem servido sempre à sua finalidade, qual seja a de amparar os necessitados de fé, mostrando-lhes que só na palavra de Deus se encontra o caminho da salvação eterna.



N. S. DA GLÓRIA DO OUTEIRO

A história da Igreja de N. S. da Glória do Outeiro está intimamente ligada à vida da monarquia no Brasil, regime que se estendeu desde que aqui chegou a família real portuguesa em 1808, acossada pela onda napoleônica que avassalava a Europa, até 1889, quando foi proclamada a república. Falando sobre



o templo, logo nos passam pela lembrança, como num caleidoscópio, todos os fatos ocorridos ou relacionados com os soberanos de então.

Recordamos, por exemplo, D. João 6.º, a 27 de julho de 1819, subindo ao outeiro, tendo nos braços a pequenina princesa Maria da Glória, sua neta, filha primogenita do então príncipe D. Pedro e de D. Leopoldina, para apresentá-la no altar à N. S. da Glória, e pedir para a criança a proteção do céu. D. Maria da Glória, que teve êsse nome em homenagem à Virgem, mais tarde subiu ao trono de Portugal, sob o título de D. Maria 2.ª.

Atitude idêntica teve D. Pedro 1.º, quando acompanhado de D. Leopoldina e das filhas, ali foi levar o príncipe D. Pedro (depois imperador D. Pedro 2.º) com um mês apenas de idade. Depondo a criança sobre o altar, ajoelharam-se os monarcas e, contritos, imploraram a graça de Nossa Senhora, para que o menino fôsse sempre feliz. Vários príncipes nascidos no Brasil receberam ali a água do batismo.

E o segundo imperador, a imperatriz D. Tereza Cristina e as princesas inscreveram-se também na Irmandade, sendo imitados por tôda a nobreza do país.

Era tão patente a simpatia da família reinante pela capela do môro, que D. Pedro 2.º, em 27 de dezembro de 1849, conferiu à Irmandade o título de "Imperial", que ainda hoje é conservado com justificado desvanecimento.

Ainda há pouco tempo, chegando ao Rio de Janeiro o príncipe patrício D. Pedro Gastão, e sua espôsa, a princesa D. Maria de la Esperanza, com quem se casou no ano de 1945 em Sevilha, subiram também ao outeiro da Glória para receberem a ópa de Irmãos da Igreja tradicional.

\* \* \*

O templo por dentro é imponente, embora de uma beleza simples, tranquila, sem asperezas de formas nem traços complicados. Grandes arcadas de granito, bancos comuns para os fiéis assistirem aos officios religiosos, e uma larga barra de azulejos azues que se estende pelas paredes do Santuário em todo o seu contôrno. Sòmente três altares e três imagens apresenta o templo. N. S. da Glória, em todo o seu esplên-



dor, ocupa o altar da capela-mor; no altar à direita está Sto. Amaro e no da esquerda, S. Gonçalo.

De cada lado do altar-mor vêm-se duas bandeiras — a do Brasil e a do Vaticano, como que simbolizando a aproximação entre a Pátria e a religião. Acima do arco do cruzeiro está colocado o emblema do império, em metal, como a lembrar os dias faustosos que passaram.

Dois púlpitos. O da direita é ocupado todos os domingos pelo capelão para a pregação do Evangelho; o da esquerda, porém, merece maior reverência, e é conservado como uma saudade caríssima. Foi ali que o grande Frei Francisco do Monte Alverne, já cego e alquebrado pela velhice, pronunciou o seu último sermão, em 15 de agosto de 1855, em dia de festa de N. S. da Glória, perante o templo repleto de fiéis, confundindo-se a nobreza com o povo. À tribuna, amparado, assoma Monte Alverne solene, magnífico pela simpatia, empolgante pelo valor de sua palavra. A sua prédica maravilhosa nesse dia memorável começou assim:

— “Longe, bem longe vão êsses tempos em que, fortalecido pela mocidade, devorado do mais acendido entusiasmo, celebrei aqui mesmo a glorificação desta creatura incomparável a quem o Imperador considera a sua inefável protetora. Quando em 1833, convidado para satisfazer nesta rotunda os anelos da devoção, recordando o passado, evocando o futuro, vitoriei na robustez da minha fé a invicta defensora do Brasil, seguro de que o império sairia incólume dos casos a que tinha sido exposto, e que bem cedo o órfão augusto deixaria vêr em todo o seu fulgor, dissipando as porcelas e conduzindo a serenidade — posso dizê-lo com desvanecimento, — nem foram desmentidas minhas convicções, nem frustrada minha confiança!”

Essas palavras tão repassadas de amor pelo Brasil e de fé no segundo imperador, são encontradas em um opúsculo mandado imprimir pela Irmandade.

Mas continuemos a falar da igreja.

Duas pias, que são duas grandes conchas de mármore rosa



de Liós português, à entrada do templo, são utilizadas com água benta.

Cada dia 5 de agosto realiza-se a cerimônia de vestir a Virgem e o Menino. Esse serviço, outrora, era desempenhado pelas princesas, hoje, no entanto, como a Corôa desapareceu, a roupagem da Santa é mudada por suas aias, assim como as do Menino-Deus pelos seus zeladores. São vestes riquíssimas, representando quantias respeitáveis.

Em tempos passados uma administração da Irmandade teve a infeliz idéia de mandar pintar os altares, que são magníficos trabalhos de talha, e as arcadas de cantaria, assim como retirar o soalho, para substituí-lo por ladrilhos. Por certo nem lhe passou pela mente a possibilidade de estar cometendo um atentado contra a arte e contra a história! Julgava talvez que a cantaria pintada a óleo, imitando mármore, os altares dourados, e o piso ladrilhado, apresentariam melhor aspéto...

Durante a administração do Cmt. Thiers Fleming, de 1939/42, em boa hora foi restabelecido o aspecto primitivo da igreja, conforme o plano organizado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde está catalogado aquele monumento pátrio. Assim, foi raspada a tinta das obras de talha e das arcadas de granito, voltando ao chão as largas táboas, como era uso em 1739, além de retirada também uma varanda que fôra construída pelo lado externo em 1861, circundando o templo. Hoje a igreja está integralmente dentro da feição que tinha, readquirindo as suas linhas arquitetônicas puras que sempre a tornaram tão bela. Graças a Deus!

\* \* \*

Conta-nos o ministro Edgard Costa em um precioso opúsculo, citando Frei Agostinho de Sta. Maria, o seguinte fato que resumimos para os nossos leitores:

— Quando em 1718, Antônio Caminha, o mesmo que edificara a primitiva ermida no outeiro, pretendeu embarcar de regresso a Portugal, terra em que nascera, achou justo levar consigo uma imagem de sua propriedade, por êle caprichosamente modelada em madeira, e que fôra venerada no altar de sua ermida. Logo espíritos malévolos correram ao bispo para



denunciar o pobre homem que — diziam, furtara grandes haveres doados à santa.

Nessa contingência, sob a iminência de ter de desembarcar da nau “Falcão” em que pretendia viajar, resolveu presentear com a imagem o rei de Portugal, a esse tempo, D. João 5.º, “para que êle a colocasse em um altar em que pudesse ser venerada”. Prêso e apeiado Caminha, o navio rumou para a Europa.

Já nas costas de Portugal, a 21 de dezembro, uma grande tempestade fêz com que o navio naufragasse, levando no sinistro muitas vidas e todo o carregamento. A caixa em que seguia a imagem sagrada, no entanto, como que protegida por força sobrenatural, deu à praia da cidade de Lagos, atirada pelas ondas revoltas. E — caso singular: estava perfeita!

Logo os habitantes do lugar acorreram à praia, e os padres Capuchos do Convento de Sto. Antônio daquela cidade, recolheram a imagem e a colocaram no altar-mor do seu cenóbio, onde durante mais de um século foi conservada. Atualmente encontra-se na Igreja de S. Sebastião, na mesma cidade portuguesa de Lagos.

\* \* \*

Restaurada que foi a igreja pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi reaberto um nicho, na ladeira que dá acesso ao templo. Logo uma idéia acudiu a todos: — colocar no nicho uma imagem da Padroeira.

Nessa ocasião o então vice-provedor Ministro Edgard Costa, sugeriu que a imagem fôsse uma cópia da que tinha ido, em 1718, parar a Lagos. Aprovada a sugestão logo foi encarregado o escultor João José Gomes de executar o trabalho, que aqui chegou pronto pelo vapor “Bagé”, em 9 de julho de 1942. Justamente um mês depois, a 9 de agosto, foi a imagem inaugurada no nicho, no último altiplano, ao chegar ao cimo do monte, onde se encontra exposta, envolta pelo carinho e pela veneração dos seus devotos.

\* \* \*

O revestimento de azulejos da Igreja de N. S. da Glória do Outeiro, representa uma obra do mais elevado valor artís-



tico e histórico. Os painéis têm sua significação em texto bíblico. Segundo a análise realizada a respeito pelo provecto e estudioso artista Frei Pedro Sinzig, baseiam-se no Livro de Tobias, da Sagrada Escritura. Dessa forma, conforme declaração daquela acatada autoridade em assuntos religiosos e de arte, o primeiro quadro do lado da Epístola, representa Tobias em companhia de Sara; o segundo, Sara deitada no leito, protegida por Tobias; o terceiro, Tobias e Sara na noite de seus esponsais. Do lado do Evangelho, vê-se, no primeiro painel, Tobias com os anjos; no segundo Tobias dando a Sara uma medalha, e no terceiro, Sara recebendo os filhos de Tobias.

\* \* \*

No fundo do prédio situado por trás do templo, e onde está instalado o Consistório — ampla sala mobiliada com apuro e sobriedade, em cujas paredes pendem quadros com fotografias dos Imperadores D. Pedro 2.<sup>o</sup> e D. Tereza Cristina, de D. Frei Antônio de Guadalupe e uma outra comemorativa da visita do então Presidente Getúlio Vargas à igreja — encontra-se o museu da Irmandade.

Ali estão guardados, admiravelmente arrumados, os objetos caros à Congregação, e que podem ser vistos todos os dias. São quadros, bustos, a cadeira em que sentava Pedro 2.<sup>o</sup>, medalhas, documentos manuscritos, assinaturas de fidalgos, pequenos bibelots, que foram oferecidos à N. S. da Glória, por membros da família imperial, pela nobreza da época e por pessoas da mais alta distinção social. Destacam-se no meio de tantas maravilhas o quadro que tem por título — “O milagre”, de F. Machado, magnífica alegoria em que aparecem como principais personagens D. Pedro 1.<sup>o</sup> e D. Leopoldina, outro quadro — “N. S. do Rosário”, de Molina, que foi doado à Irmandade por William Mc. Gregor, e ainda uma tela: “Vista da Glória”, datada de 1846 e assinada por P. Bertichem. Um relógio velhíssimo também chama a atenção. Foi adquirido em 1832, tendo custado a sua máquina a quantia de 20 mil réis, e a respectiva caixa dezesseis mil réis. Até o ano passado êsse relógio funcionava perfeitamente; hoje, no entanto, está parado... talvez cansado de tanto trabalhar.



Há também jóias de elevado prego e confecção primorosa, como o adereço de opalas e brilhantes, um colar de pérolas com um coração de ouro, brilhantes e esmeraldas, que eram da Marquesa de Abrantes, além de outros, adereços de pedras preciosas, colares, broches, alfinentes, enfim, verdadeiros tesouros que deslumbram o olhar de quem os contempla. Não queremos deixar de citar aqui algumas peças que foram de D. Leopoldina, oferecidas à santa por D. Pedro 1.<sup>o</sup> — um adereço compreendendo brincos e broche, com 15 grandes brilhantes cravados sobre mais de um cento de outros de menor tamanho, todos montados em prata e ouro, além de um grampo para cabelo em que se destacam esmeraldas e brilhantes fulgindo à vista.

Essa fortuna é exposta em dias de festa numa montra cavada na parede, e defendida por grosso vidro.

\* \* \*

O acesso ao outeiro que até então só era possível pelas ladeiras que partem do Largo da Glória e da Praia do Flamengo, é agora muito mais fácil. No ano de 1945, foi inaugurado um plano inclinado, com duas confortáveis cabines, a exemplo do que existe no Monte Serrate, em Santos, o que possibilita os fiéis atingirem o Santuário, apenas em um minuto, a trôco de uma despesa mínima de Cr\$ 0,50. Esse serviço está instalado na rua do Russell.